



ARTIGO



Humor na superfície, discriminação nas entrelinhas

A piada como elemento de estigmatização de corpos transgressores da cisheteronormatividade

Cristian Silva Tavares de Moura, *Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ)*

Camila Miranda de Amorim Resende, *Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ)*

O presente estudo tem por objetivo analisar a forma como corpos que transgridem a cisheteronormatividade são representados pela mídia de massa. Para essa finalidade, foi escolhida a metodologia qualitativa, por via da pesquisa documental, de episódios da “Escolinha do Professor Raimundo” — destacando o personagem “Seu Peru” — no programa original, de 1990 a 1995, reeditado no início dos anos 2000, e no programa da Nova Geração, com novos atores, exibido entre 2015 a 2020, ambos disponíveis no acervo Globoplay. Foi discutido como os elementos ditos femininos, como cor rosa, roupas e acessórios foram utilizados não para ressignificar o seu uso em homens, mas para servir de vexação por meio do estereótipo. O comportamento caricaturado como estereótipo também foi analisado como tendo sido utilizado para reforçar corpos não cisheteronormativos como excêntricos. Finalizando o estudo, foi observado que o humor presente no objeto estudado traduz, de modo deturpado, as possibilidades de vivência da população LGBTQIAP+ em uma performance limitada, estereotipada e fomentada a partir do reforço do preconceito do imaginário popular. Deste modo, é importante olhar para a subjetividade produzida a partir de programas como esse, em especial por ser, até os dias de hoje, um referencial de humor no país.

Palavras-Chave: Piada. Cisheteronormatividade. Preconceito. Mídia.



Introdução

A linguagem é um dos artifícios que a humanidade conquistou ao longo do tempo. Por meio dela, foi possível que o ser humano construísse um complexo sistema de códigos e signos para que se comunicasse em diversos níveis verbais e não-verbais. Também, com a conquista da linguagem, o indivíduo conseguiu sistematizar e transmitir sua subjetividade por via da cultura, da ética, da moral, dos fenômenos sociais, dos políticos e de todos os atravessamentos inteligíveis da humanidade.

O humor, como uma ramificação das possibilidades da linguagem, traz consigo fortes vínculos com o que uma sociedade tem de valor e régua moral. A piada — como uma das marcas características do humor — tem vislumbres que podem ser positivos, ao evocar boas sensações aos interlocutores, e negativos, que trazem sentimentos penosos e de vergonha — tem forte papel na propagação de preconceitos e discriminações encobertas de humor.

Com isso, muitas minorias representativas, como homossexuais, negros, indígenas, mulheres sofrem com estigmatizações e violências que transcorrem em vários níveis institucionais por meio do poder massificador e ideológico das mídias.

Essa pesquisa tem como objeto de estudo as formas que LGBTQIAP+¹ são categorizados pelas mídias, com enfoque para os programas de televisão da rede aberta destinadas ao humor e entretenimento. Com essa situação em pauta, levanta-se a problemática: como corpos transgressores da cisheteronormatividade² são representados na televisão aberta brasileira?

Por conseguinte, esse trabalho se justifica devido à carência de publicações que percorrem esse caminho de como o LGBTQIAP+ é visto na cultura popular, através dos programas televisivos da sociedade brasileira, visto que esse é um importante veículo formador de subjetividade no contexto social.

Com isso, o objetivo geral desse trabalho se dá em contribuir para a análise e estudo de como corpos que transgridem a

¹ Acrônimo que representa diversidades de gênero, sexualidade e expressões de gênero. Inclui-se lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, travestis, queers, intersexuais, assexuais, pansexuais e outras possibilidades de manifestações da subjetividade do afeto, identidades e performances (FARIA FILHO; OLIVEIRA; RODRIGUES, 2022).

² Sistema de normas sociais ao qual padroniza e privilegia que todos indivíduos se identifiquem com o gênero imposto ao nascimento, com a heterossexualidade e que essas construções são ideais e desejáveis (ROSA, 2020).



cisheteronormatividade são representados por programas de televisão da rede aberta — aqui selecionado o programa "A Escolinha do Professor Raimundo" original de 1990 e a Nova Geração de 2020 — e dentre os objetivos específicos estão: a) discorrer como a linguagem e o humor são pilares da subjetividade humana; b) compreender quais signos de linguagem são usados para representação do LGBTQIAP+ nos programas televisivos brasileiros; c) investigar a existência da discriminação de LGBTQIAP+ e sua possível forma de ocorrência; d) fazer comparativo em modo de representação LGBTQIAP+ na rede aberta: na década de 90 e em 2020.

A linguagem como condutora de subjetividade

A humanidade possui um complexo sistema de interação social. Com o domínio da linguagem, o ser humano sai da condição de indivíduo e adquire um sistema de significados que atua codificando o mundo e entendendo sua realidade (Brasil, 1998). Com isso, através da linguagem, dentre suas variações verbais e não-verbais, faladas, escritas ou representadas, o homem adquire uma nova faceta como sujeito significante da sua realidade e do que lhe cerca (Dias, 2014).

Vale salientar que, a partir desse olhar, a linguagem ultrapassa a barreira de signos comunicativos e ganha diversas facetas que a atravessa, já que constitui e é constituída pelos sujeitos, por via das representações da subjetividade e da composição das interações sociais (Dias, 2014).

Dentre os aspectos a partir dos quais a linguagem pode ser observada, segundo Mousinho et al. (2008), destaca-se o da intenção comunicativa, no qual o indivíduo consegue se comunicar e colocar sua intencionalidade por via de recursos gradativamente mais robustos e que se adaptam à realidade em que a sociedade está inserida. Por outra ótica, o conteúdo e o uso que as linguagens se configuram trazem consigo o significado que está por trás da intencionalidade da frase dita, no espectro semântico, e do uso social do que se propõe a falar, não bastando emitir apenas sons, mas adequar o que se diz no contexto ao qual se está inserido, no aspecto pragmático.

A linguagem, por ser culturalmente dada, define características de expressão que se manifestarão no sujeito. O humor surge, por sua vez, como um dos fenômenos linguísticos. Soares et al. (2014) ao citar Morrell (1997) e Chapman (2007) dispõem que uma das principais



funções do humor é a de ser um mediador das relações, como um dos primeiros movimentos para gerar aproximação entre sujeitos, por via do riso, aumentando questões como o sentimento de confiança entre indivíduos e grupos.

O riso tem efeitos positivos e negativos. O lado positivo é o que promove uma boa reflexão, alegria, por via do acolhimento, por via do “rir junto”. O lado negativo é o que traz desconforto, vergonha, é penoso — oposto à alegria, histérico, funciona por via do “riso de exclusão”, no qual o humor é voltado para mostrar a alguém o que acha ridículo (La Taille, 2016).

Assim como a linguagem, o humor possui características de intencionalidade e está integralmente imerso no que a cultura propõe como régua balizadora, conforme observado por Moreira.

Ao contrário do que muitos atores sociais pensam, o humor não é mero produto de ideias que surgem espontaneamente nas cabeças das pessoas. As piadas que elas [as pessoas] contam são produtos culturais, são manifestações de sentidos culturais que existem em dada sociedade. Por esse motivo, o humor não pode ser reduzido a algo independente do contexto social no qual existe. A produção do efeito cômico depende dos significados culturais existentes nas mensagens que circulam nas interações entre os indivíduos. Ele é, portanto, um tipo de mensagem que expressa o status cultural de que as pessoas gozam em uma determinada comunidade. Uma análise histórica das produções humorísticas em nossa sociedade demonstra que elas sempre reproduziram ideias derogatórias sobre minorias [...], as mesmas que eram utilizadas para conferir tratamento desfavorável a elas em outras situações. (Moreira, 2019, p. 63)

O humor então se marca para além de uma simples linguagem de entretenimento, é possível analisa-lo sob a ótica de um dispositivo cultural complexo que projeta tensões culturais, sociais, políticas e da própria subjetividade. Umberto Eco (2003), em sua obra “O Nome da Rosa”, e Saliba (2002) já discorreram que o riso tem papel operante como recurso crítico e de manutenção das normas sociais. Eco afirma que o humor possui desenho semântico, enquanto Saliba o observa como expressão histórica da moralidade e autoridade.

Ainda que a proposta do artigo não seja discorrer sobre a teoria do humor, é importante ressaltar, para além do campo social e linguístico, que Freud (1905) a partir do olhar psicanalítico também se refere à temática ao abordar o “chiste” como uma catarse do coletivo, de liberação da tensão psíquica.



Logo, ao tratarmos o humor televisivo dentro do contexto apresentado nessa pesquisa, é possível perceber que ele não é neutro, mas agregado de valores, tensões, expressões culturais muitas vezes naturalizadas.

A LGBTfobia no contexto do humor

A retratação de pessoas e suas subjetividades como raça, etnia, modos de viver, feminilidades, masculinidades, sexualidades e outras possibilidades de vida e de suas manifestações são alguns dos tópicos que podemos observar como fatores de valor, tensão e expressão cultural ao qual a televisão se apropriou e se apropria (Risk; Dos Santos, 2019).

Pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, queers, intersexuais, assexuais, pansexuais e outros (LGBTQIAP+), por muito tempo, e ainda se fazendo presente, são vexadas e caricaturadas em diversos contextos da vida cotidiana, em cenários familiares, grupos sociais, instituições públicas e particulares, que podem ir desde uma “homofobia recreativa” (Albuquerque, 2023) — partindo de uma piada reforçada em vexação, estigma e estereótipo — percorrendo para uma violência física ou até mesmo a concretização da morte. Com isso, LGBTQIAP+ sofrem em programas de televisão, filmes, novelas, séries, principalmente por meio do escárnio ao incorporarem signos ditos femininos (Risk; Dos Santos, 2019), reduzindo toda sua subjetividade em características disfuncionais, por via da lógica heterossexual, em regulação do que dizem, falam, como se vestem, trejeitos, pensamentos (Rodrigues, 2008).

Butler (2021) aborda sobre a origem da opressão e da exclusão social e argumenta que a homofobia é uma forma de discriminação baseada na normatividade sexual. Ainda de acordo com a autora, a homofobia é perpetuada por discursos normativos que conotam sentidos ruins a homossexualidade e constroem a heterossexualidade como a única forma aceitável de orientação sexual.

A família, a religião, as escolas são instituições sociais que ajudam no fomento da LGBTfobia ao terem como balizes a preservação da norma sexual e a marginalização daqueles que não se encaixam nos padrões sociais desejáveis (Butler, 2021). Vale ressaltar, que o discurso de ódio vai para além das palavras ofensivas, mas também se manifesta como uma prática subjetiva, ao qual possui implicações e consequências em várias esferas (Butler, 2021). Sob essa perspectiva, piadas podem



reforçar estereótipos negativos sobre a comunidade LGBTQIAP+ e aumentar a discriminação e a exclusão.

Metodologia

A presente investigação é uma pesquisa exploratória. Gil (2008) explica que este tipo de pesquisa tem o objetivo de desenvolver e esclarecer ideias para formulações de problemas e discussões de hipóteses, buscando proporcionar uma visão geral de determinado fato. Quanto ao procedimento, pesquisa é documental, Gil (2008) assevera ser composta por dados relativos às pessoas sob a forma de documentos, como vídeos, fotos, jornais e livros. A pesquisa documental proporciona vislumbrar e detectar mudanças na sociedade, na estrutura e conjuntura coletiva, na cultura, nos valores sociais e nas atitudes, uma vez que a sociedade muda continuamente e não basta a observação e a entrevista para abranger a dinâmica desses fenômenos (Gil, 2008).

O pesquisador social lembra que não apenas documentos escritos são utilizados para a pesquisa científica, mas qualquer objeto que possa contribuir para o estudo de um fenômeno. Esta pesquisa, em especial, voltou-se para registros chamados pelo autor de episódicos e privados, que são os registros achados por via de imagens visuais encontrados em meios de comunicação de massa que Gil (2008) afirma ser uma importante fonte de dados, já que permite ao pesquisador lidar com o passado histórico para poder contemplar aspectos da sociedade atual.

Sobre o cenário escolhido, foi pesquisada a forma como a rede aberta de televisão brasileira, em seus núcleos de comédias televisivas, representa personagens LGBTQIAP+, buscando traçar um comparativo com pesquisas bibliográficas sobre o tema. O enfoque escolhido neste estudo foi o programa "Escolinha do Professor Raimundo", da Rede Globo de Comunicações, o qual foi selecionado por ter sido um programa de grande relevância no cotidiano do brasileiro – com extenso período de exibição na televisão aberta: de agosto de 1990 a maio de 1995 (com periodicidade diária) e uma segunda fase criada com duração de maio de 2001 a dezembro do mesmo ano – ao ponto de ser reeditado entre 2015 a 2020.

O programa objeto de análise desse artigo foi produzido em um contexto que o país passava por significativas mudanças sociais e políticas. A década de 90 marcou a consolidação da televisão como principal meio de entretenimento, num momento em que a cultura



popular televisiva refletia, conforme analisado por Risk e Dos Santos (2019), modos de viver, sentir e estereótipos sociais – como os de gênero, raça e sexualidade – que se demonstravam aceitos e, em muitos casos, naturalizados pela sociedade. Bakhtin (2008) convoca à reflexão de que aquilo que gera o humor também é reflexo dos valores e das ansiedades sociais de um período, evidenciando que a piada pode surgir nesse contexto para espelhar as tensões das mudanças das configurações de uma sociedade, o que também se pode observar no próprio fenômeno do funcionamento dos programas televisivos.

Além disso, a escolha do objeto de estudo também se deu pelo programa apresentar vários personagens marcados na cultura popular e ter um projeto de humor simples e cotidiano, como a sala de aula, o que serve até os dias atuais como referência em humor e improviso de atuação.

Para a pesquisa, foram escolhidos cinco episódios da versão original e cinco episódios da nova formação, ilustrados na tabela 1 e disponíveis no acervo Globoplay. Tais episódios foram selecionados considerando o tempo de tela e número de falas do "Seu Peru", personagem que representa os estereótipos e trejeitos ditos de LGBTQIAP+, para melhor análise a partir da sua atuação e suas performances.

Partindo desses episódios, a análise culminou em três categorias temáticas, sendo elas: a) comportamento e vestimenta, que buscou entender como a linguagem corporal e trejeitos do personagem são representados; b) linguagem, que objetivou analisar a forma e o contexto que são representadas as falas verbais, como gírias e conotações, bem como a comunicação não-verbal do personagem; c) estereótipo e performance, ao buscar comportamentos preconcebidos, padronizados e generalizados da corporeidade LGBTQIAP+.

Tabela 1: Episódios analisados

Escolinha do Professor Raimundo Original	Escolinha do Professor Raimundo: Nova Geração
Temporada 3 – Episódio 385	Temporada 1 – Episódio 1
Temporada 3 – Episódio 392	Temporada 2 – Episódio 4
Temporada 3 – Episódio 395	Temporada 4 – Episódio 4
Temporada 4 – Episódio 684	Temporada 5 – Episódio 2
Temporada 4 – Episódio 742	Temporada 6 – Episódio 4

Fonte: Elaboração própria



Resultados e Discussões

A Escolinha do Professor Raimundo foi um programa humorístico que representava a paródia de uma escola, na qual o humor era baseado nas interações cotidianas dos alunos com outros alunos e com o professor, sendo uma das marcas do programa a improvisação (Globo, 2021).

A atração foi criada por Haroldo Barbosa, radialista e humorista, que fundou a Escolinha do Professor Raimundo em 1952 para a Rádio Mayrink Veiga. Posteriormente, em 1957, o programa migrou para a televisão como parte do Noites Cariocas, transmitido pela TV Rio. Representou um quadro conduzido por Chico Anysio em vários programas humorísticos por quase quatro décadas, como Chico City em 1973; Chico Anysio Show, em 1982; até que finalmente, em 1990, a atração se tornou independente na Globo e se estabeleceu como um dos grandes clássicos da televisão brasileira (Globo, 2021).

Na Escolinha, ainda de acordo com a Globo (2021), cada episódio do programa trabalhava um tema diferente e os alunos interpretavam personagens estereotipados como o tímido, o galanteador, o bagunceiro, o valentão e o inteligente. O personagem ao qual esse trabalho se debruça é o “Seu Peru”, um aluno de idade mais avançada, que interpreta o homossexual do programa humorístico, e trazia sempre respostas rápidas caracterizadas pelo duplo sentido e irreverência.



Figura 1: “Seu Peru”, personagem interpretado pelos atores Orlando Drummond (à direita, entre 1952 e 2001) e Marcos Caruso (à esquerda, entre 2015 e 2020), no programa “Escolinha do Professor Raimundo”



Fonte: Globo (2021)

Ao fazer análise da pesquisa, foi primeiramente observado que as duas versões da Escolinha do Professor Raimundo possuem características muito próximas no sentido estrutural. A Nova Geração, no que tange aos episódios estudados, é uma continuação da versão original, sem reformulações ou mudanças em sua disposição. Durante as décadas de programa, as piadas e o humor utilizados foram reaproveitados e tratados sob uma mesma égide de recurso linguístico, reiterando estereótipos, arquétipos e situações com os personagens.

Ao analisar os episódios e buscar signos em “Seu Peru” que transgridem a régua da cisheteronormatividade, pode-se observar múltiplas inferências, começando pela vestimenta, que diz respeito à construção social sob a ótica da expressão de gênero. O personagem “Seu Peru” veste roupas que são culturalmente consideradas femininas, o que corrobora com o já destacado a partir de Risk e Dos Santos (2019) a respeito do escárnio do personagem ao incorporar elementos ditos de mulheres, como o uso predominante da cor rosa, além de outras cores vibrantes e fluorescentes, como o lenço na testa e ao redor do pescoço, a alocação de pedrarias e brilhos nas peças que usa.

O personagem também possui uma expressão corporal exagerada e excessivamente gesticulada, o que também se alinha com a visão de Rodrigues (2008) sobre estereótipos imputados a corpos que não se enquadram na heteronormatividade e que são tratados de forma discriminatória e pejorativa, como chamá-los de “afetados”.

Importante destacar que tais elementos não estão presentes no personagem com o propósito de resignificação desses signos, mas para gerar o humor vexatório pela via do disfuncional (Rodrigues, 2008). Ou seja, é de suma importância enfatizar que os elementos e signos



femininos não são e nem devem ser considerados elementos de vexação ou inferiorização, muito menos de serem analisados como signos jocosos. O debate se coloca a partir do momento em que estes elementos, quando performados por um homem, são tidos como disfuncionais ou colocados como fatores motivadores de desqualificação ou escárnio.

Ao falar sobre masculinidades, Kimmel (2006) enfatiza que o patriarcado impõe normas rígidas de performances ao homem, e qualquer desvio desse modelo dado (como as identificações com os signos femininos, conforme o texto aponta) é punido com a segregação, piada, violência. Dessa forma, o humor se apresenta e reforça essas construções.

Outro ponto que é possível analisar são os diálogos excessivamente reforçadores desses estereótipos e discursos que promovem a discriminação, uma das marcas do personagem, o que, segundo Butler (2021), catalisa e facilita a exclusão social. Como ilustração, no episódio 742 da quarta temporada da versão original do programa, “Seu Peru” fala do compositor polonês Chopin. Ele disse que o pianista tocava muito bem, mas não revelaria em quem ele tocava. Em seguida, complementa sua resposta, sugerindo que Chopin possuía uma personalidade feminina, fazendo referência à maneira como ele se sentava e ao fato de que ele retirava um lenço rosa e recitava poesia para o público.

No episódio 684 da quarta temporada, também da versão original do programa, “Seu Peru” sugere a possibilidade da homossexualidade da figura histórica Davi, baseando-se em estereótipos de gênero, tais como o uso de roupas ajustadas ao corpo, como saias, e calçados que carregam conotações de submissão, como sandálias “tipo escrava”, conforme fala do personagem, além de fazer referência à presença de um acessório tipicamente feminino, como a bolsa. Posteriormente, após receber uma avaliação insatisfatória do professor, “Seu Peru” aceita a nota, mas diz que vai levar mais um para a “irmandade”, clara referência à população LGBTQIAP+. Nesse episódio, ocorre novamente o descrito por Risk e Dos Santos (2019) ao trabalhar simbologias ditas femininas para reforço de estereótipos em homossexuais.

Essa mesma estrutura, conforme anteriormente dito, se mantém na Nova Geração do programa, não havendo uma reconstrução do personagem, mas apenas uma continuidade do que já acontecera. No primeiro episódio da primeira temporada da Nova Geração, ocorre um paralelo exato do ocorrido com as figuras de Chopin e Davi, na versão original. Dessa vez, “Seu Peru” fala de Cristóvão Colombo e informa que o navegador genovês era chamado de “Crica”, uma “colombina”, e que



Cristóvão cruzava os sete mares com “marujos saradões” e chapéu de veludo rosa, atracando em proa a bombordo com a bandeira ao mastro tremulando ao ver o arco-íris.

Esse contexto é um indicativo de como o humor preconceituoso é baseado no aprisionamento e generalização dos corpos a uma única possibilidade, conforme observado por Butler (2021), o que mantém a lógica cisheteronormativa como via exclusiva do desejo afetivo e sexual. Além disso, se exemplifica a fala de Rodrigues (2008) ao se utilizar de símbolos, como o arco-íris, para gerar piada ou um significante pejorativo ou inferior. Vale ressaltar que o arco-íris é um importante símbolo do movimento LGBTQIAP+.

A conotação sexual das falas e do próprio nome do personagem refere-se ao estereótipo de promiscuidade associado à população LGBTQIAP+, algo que atravessa a linguagem, o corpo, a cultura e o social. “Seu Peru” pode, conotativamente, ser lido como “seu pênis”, o que é usado para se referir à própria identidade do personagem, seu nome, como algo a ser introjetado em si. O questionamento que fica é se o “Seu” seria uma redução do pronome de tratamento “senhor” ou se essa palavra se refere ao pronome possessivo “seu” que ampliaria a problematização neste caso, uma vez que o personagem faria alusão genital e sexual do outro para si mesmo.

Não obstante, é comum observar socialmente a vinculação da sexualidade exacerbada e da falta de pudor no imagético social quando se trata de LGBTQIAP+, principalmente após a epidemia de HIV/AIDS que ocorreu nos anos 80 ao redor do mundo (SIMÕES, 2018). Exemplificando, “Seu Peru”, no episódio 392 da terceira temporada da versão original, assevera ter gostado muito que sua avó tivesse catarata, visto que ele, enquanto bebê, chorava, pedia por uma chupeta, e sua avó colocava no local errado, o que ele apreciava, fazendo uma associação com penetração anal.

Isso também permanece na Nova Geração, como no episódio já citado em que “Seu Peru” fala sobre Cristóvão Colombo. Segundo ele, Cristóvão Colombo, ao ser alertado por um tripulante que os indígenas comiam gente, ao invés de se atirar no bote, atirou-se no “bofe”, uma gíria para se referir a homem (Silva; Martins, 2020). O personagem segue destacando que Cristóvão Colombo percebeu que todos os indígenas eram LGBT — lindos, gostosos, bonitos e taradões, segundo o personagem — impulsionado pelo fato dos indígenas estarem com o “urucum de fora” e que nunca “Crica” havia visto tanta “mandioca de



fora”, fazendo uma analogia sexual de urucum com nádegas e mandioca com pênis.

A apresentação do personagem sugere também uma discriminação pelo uso das falas, como no episódio 4 da sexta temporada da Nova Geração ao qual o professor questiona “Seu Peru” sobre o grande movimento de efervescência cultural da história recente “Belle Époque” e ele entende “Belo é poc” e, assim, fala sobre o cantor de pagode Belo e questiona sua sexualidade. Silva e Martins (2020) relatam que o termo “poc” é utilizado como jargão ofensivo para tratar homossexuais afeminados de baixa renda que supostamente usariam saltos que levam à ocorrência de uma onomatopeia ao andar provocada pelo som do salto ao encostar no chão: “poc”.

Essas abordagens feitas pelo “Seu Peru” reiteram o estereótipo da performance e de como subjetividades não-normativas são consideradas excêntricas. Reforçam, deste modo, a imaginação popular das possibilidades de existência destas subjetividades como vexativas, subversivas e promíscuas.

Conclusão

O humor é uma das principais vias de comunicação que existe dentro do contexto da linguagem. Por ser de fácil entendimento e vinculado à cultura de um lugar, tem diferentes efeitos variando de acordo com seu alvo. Esse artigo pontuou justamente como o humor pode ser uma via de discriminação com pessoas LGBTQIAP+ dentro das mídias de massa, baseando-se especificamente no personagem “Seu Peru” da Escolinha do Professor Raimundo como objeto de estudo.

O programa humorístico foi exibido na televisão aberta durante décadas e, por sua vez, tornou-se um programa da família brasileira, uma vez que era transmitido em horário acessível, ao fim da tarde, em periodicidade diária, o que exponenciou uma massificação ideológica do estigma. Essas composições de horário, acessibilidade e fórmulas de humor traduziram, de modo deformado, as possibilidades de vivência da população LGBTQIAP+ em uma performance limitada, estereotipada e fomentada a partir do reforço do preconceito do imaginário popular.

Foi observado que corpos que transgridem a cisheteronormatividade são representados a partir do aprisionamento das possibilidades de ser e existir a partir da linguagem (verbal e não-verbal), uma vez que a pauta se homogeniza com o imaginário popular e



não com uma construção narrativa dos personagens ou pedagogia dessas vivências. Na Escolinha, como analisado, a atribuição de elementos ditos femininos a um corpo homossexual, de “Seu Peru”, não ocorreu para gerar um debate de resignificação de elementos, mas para propor o escárnio que foi potencializado a partir da fórmula simples de construção de humor, porém eficaz e palatável, que captura toda uma existência complexa e a projeta em fragmentos reducionistas.

Dessa mesma forma, há um trabalho de restrição da pessoa LGBTQIAP+ à sexualidade exacerbada e aos trejeitos e linguagens ditos femininos. A única via de escape desse cenário seria a fuga para a cisheteronormatividade, não abrindo espaço para possibilidades de expressões de gênero e seus espectros, o que também responde à problemática desta pesquisa.

Vale ressaltar que pode haver outras possibilidades de interpretações, o que não afeta essa pesquisa, uma vez que o objeto foi, e continua sendo, um expoente referencial de humor no contexto brasileiro nos dias atuais.

Pesquisas futuras são válidas e importantes, principalmente para ampliação de estudos de como personagens LGBTQIAP+ são aprisionados na fórmula cisheteronormativa, representados no contexto cultural e como isso implica na construção da subjetividade das novas gerações.

Referências

ALBUQUERQUE, Mateus de Melo. **Masculinidades bicha: quando os homens se colocam contra a hegemonia**. 2023. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

BRASIL, Secretaria de Educação. Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Brasília, 1998.

BUTLER, Judith. **Discurso de ódio: uma política do**



performativo. ed. São Paulo: Unesp, 2021.

DIAS, Rosangela Hanel. Linguagem, interação e socialização: contribuições de Mead e Bakhtin. **X ANPED SUL**, Florianópolis, 1 out. 2014. Disponível em: <http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/539-o.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2022.

ECO, Umberto. **O nome da rosa**. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.

FARIA FILHO, Fausto de Melo; OLIVEIRA, Rafael Alves; RODRIGUES, Érick Luiz de Paulo. **LGBTQIA+**: um guia educativo. 1. ed. ampl. Ceres, GO: IF Goiano, 2022. 93 p. ISBN: 978-65-87469-37-9. Disponível em: <<https://informatica.ifgoiano.edu.br/ifemmovimento/wp-content/uploads/2022/06/LGBTQIAP-Um-guia-educativo-Final.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2025.

FREUD, Sigmund. **O chiste e sua relação com o inconsciente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GLOBO. **Memória Globo**. Acervo/Globo, 2021. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/humor/escolinha-do-professor-raimundo/noticia/estreia-na-globo.ghtml>>. Acesso em: 09 abr. 2023.

KIMMEL, Michael S.. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, [S.L.], v. 4, n. 9, p. 103-117, out. 1998. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-71831998000200007>.

LA TAILLE, Yves de. **Humor e Tristeza: O direito de rir**. Campinas, SP: Papirus, 2016.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. Coleção feminismos plurais. RIBEIRO, Djamila (coord.). Pólen Livros: São Paulo, 2019.



MOUSINHO, Renata et al. Aquisição e desenvolvimento da linguagem: dificuldades que podem surgir neste percurso. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo , v. 25, n. 78, p. 297-306, 2008 . Disponível em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010384862008000300012&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 02 dez. 2022

RISK, Eduardo Name; DOS SANTOS, Manoel Antônio. A construção de personagens homossexuais em telenovelas a partir do cômico. **Rev. Subj.**, Fortaleza , v. 19, n. 2, p. 1-14, ago. 2019 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-7692019000200001&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 02 dez. 2022.

RODRIGUES, André Iribure. **As representações das homossexualidades na publicidade e propaganda veiculadas na televisão brasileira: um olhar contemporâneo das últimas três décadas**. 2008. 309p. Tese (Doutorado) – UFRGS, Porto Alegre, 2008.

ROSA, Eli Bruno Prado Rocha. “Cisheteronormatividade como instituição total”. **Cadernos PETFilosofia**, Teresina, v. 18, n. 2, p. 59-103, 2020. Disponível em <<https://revistas.ufpr.br/petfilo/article/view/68171/41349>>. Acesso em 30/05/2023.

SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SILVA, André Luiz Souza da; MARTINS, Iara Ferreira de Melo. A leitura e a construção de sentidos a partir da gíria LGBT no gênero “meme”. **Leitura**, [S. l.], n. 66, p. 18–34, 2020. DOI: 10.28998/2317-9945.2020von66p18-34.

SIMÕES, Júlio Assis. Gerações, mudanças e continuidades na experiência social da homossexualidade masculina e da epidemia de HIV-Aids. **Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)**, [S.L.], n. 29, p. 313-339, ago. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2018.29.15.a>.

SOARES, Adriana Benevides et al . Humor: ingrediente indispensável nas relações sociais. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo , v. 16, n. 2, p.



93-105, ago. 2014. Disponível em
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S15166872014000200009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 02 dez. 2022.



Humor on the surface, discrimination between the lines: Jokes as an element of stigmatization of transgressive Bodies under cisheteronormativity

The present study aims to analyze how bodies that transgress cisheteronormativity are represented by mass media. To this end, a qualitative methodology was chosen, through documentary research, focusing on episodes of "Escolinha do Professor Raimundo" — highlighting the character "Seu Peru" — in the original program from 1990 to 1995, which was reedited in the early 2000s, and in the New Generation version, with new actors, aired between 2015 and 2020, both available on the Globoplay platform. The study discusses how elements considered feminine, such as the color pink, clothing, and accessories, were not used to resignify their use in men, but rather to ridicule through stereotypes. Caricatured behavior as a stereotype was also analyzed as a tool used to reinforce the portrayal of non-cisheteronormative bodies as eccentric. Concluding the study, it was observed that the humor present in the analyzed content distorts and restricts the lived experiences of the LGBTQIAP+ population to a limited, stereotyped performance, shaped by and reinforcing popular prejudice. Therefore, it is important to critically consider the subjectivities produced by such programs, especially given their ongoing influence as a national reference in humor.

KEYWORDS: Joke. Cisheteronormativity. Prejudice. Media.

Cristian Silva Tavares de MOURA

*Especialista em Gênero e Sexualidade. Psicólogo egresso do Centro
Universitário Geraldo di Biase / Volta Redonda – RJ.
E-mail: cristiandemoura@live.com*

Camila Miranda de Amorim RESENDE

*Mestre e Doutora em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social
pela Programa EICOS/IP/UFRJ. Professora do Centro Universitário Geraldo di
Biase / Volta Redonda – RJ e Psicóloga do Instituto Federal do Rio de Janeiro.
E-mail: camila.mdamorim@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3820-8723>*



Recebido em: 14/11/2024

Aprovado em: 01/04/2025